

## **Por uma história do nietzschianismo: o legado de Nietzsche entre Marshall Berman e Gianni Vattimo**

**Searching for Nietzschean history: Nietzsche's legacy between Marshall Berman and Gianni Vattimo**

*Alexandre Bartilotti Machado*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Mestrando no PPGEAFIN-UNEB. Graduado em História pelo curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia - UNEB

**RESUMO**

Pretendemos neste trabalho investigar como se deu a leitura da obra de Nietzsche através de dois importantes pensadores do século XX: Marshall Berman e Gianni Vattimo. Mesmo divergentes entre si, os dois autores citam Nietzsche na introdução de suas obras, consideram a contemporaneidade com palavras diferentes da visão do outro e se apropriam da obra de Nietzsche citando elementos aparentemente contraditórios entre si. Nosso debate conceitual se dá a partir de um verbete: este verbete-te é nietzschianismo. Neste trabalho, ele será utilizado a partir da concepção de Woodward (2016, p. 48), segundo a qual nietzschianismo se refere a um conjunto de diferentes – e mesmo divergentes – apropriações de Nietzsche feitas por autores que de uma maneira ou outra se consideravam adeptos ao mesmo ou pretendiam seguir seus passos artístico-filosóficos. No fim, esperamos com este trabalho, a partir de uma leitura do pensamento nietzschiano historicamente apurada, compor um quadro de considerações teóricas crítico e atualizado aos interessados em nietzschianismo, representação, história das ideias e história da filosofia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nietzsche; Nietzschianismo; História.

**ABSTRACT**

This paper proposes to investigate the presented readings of Nietzsche's works by two important scholars of the twentieth century: Marshall Berman and Gianni Vattimo. Although in disagreement, both quote Nietzsche in their works' introductions, take individual accounts of his contemporaneity, and propose new readings of Nietzsche, combining seemingly contradictory elements. Our conceptual debate is conceived around the term "Nietzscheanism". It will be taken from Woodward's work (2016, p. 48), meaning a set of different — even antagonist — takes from Nietzsche, made by authors that intended to follow his artistical and philosophical steps. From this historically accurate understanding of Nietzsche's thoughts, we hope to formulate a descriptive notion of theoretical considerations, updated for all interested in Nietzscheanism, representation, history of ideas, and philosophy.

**KEYWORDS:** Nietzsche; Nietzschianism; History.

## Questões iniciais

Pretendemos neste trabalho investigar como se deu a leitura da obra de Nietzsche através de dois importantes pensadores do século XX: Marshall Berman e Gianni Vattimo. Mesmo divergentes entre si, os dois autores citam Nietzsche na introdução de suas obras, consideram a contemporaneidade com palavras diferentes da visão do outro e se apropriam da obra de Nietzsche citando elementos aparentemente contraditórios entre si.

Nosso debate conceitual se dá a partir de um verbete: este verbete-te é nietzschianismo. Neste trabalho, ele será utilizado a partir da concepção de Woodward (2016, p. 48), segundo a qual nietzschianismo se refere a um conjunto de diferentes – e mesmo divergentes – apropriações de Nietzsche feitas por autores que de uma maneira ou outra se consideravam adeptos ao mesmo ou pretendiam seguir seus passos artístico-filosóficos.

No fim, esperamos com este trabalho, a partir de uma leitura do pensamento nietzschiano historicamente apurada, compor um quadro de considerações teóricas crítico e atualizado aos interessados em nietzschianismo, representação, história das ideias e história da filosofia.

### **Sobre as múltiplas tendências do nietzschianismo contemporâneo: olhares para Marshall Berman e Gianni Vattimo**

Um dos grandes problemas impostos por seu ofício ao historiador é a determinação do nascimento e da morte de eventos. Tão mais complexo se torna o exercício da periodização no que tange aos esforços científicos em determinar a história do passado próximo e do presente, pois nunca nos é dado saber exatamente o limite dos eventos e, muito menos, os prováveis desdobramentos deles que o devir possa trazer nas dimensões futuras do tempo. Contudo, se, por um lado, quanto mais nos aproximamos da

contemporaneidade mais difícil e mais salutar se torna a necessidade de análise e crítica das fontes – mesmo que se situem no mesmo tempo-espço que o nosso – devido à abundância de olhares e interpretações cada vez mais diversas e fragmentadas, por outro, arriscar estudos sobre o presente é promover olhares sobre a forma como nos relacionamos hoje, o que pode nos fornecer, assim, bases possíveis para a problematização das sociedades do passado. Tendo isso em vista, prossigamos: outros intelectuais compuseram olhares sobre seu próprio tempo, cercados a locais e contextos específicos, como Winston Churchill (1874-1965), com o seu Memórias da Segunda Guerra Mundial (1948-1953), que lhe traria o Nobel em 1953. Outros, porém, empreenderam olhares mais amplos, que tratavam de nossa época *latu sensu*, objetivando buscar o que nos definia em nossa contemporaneidade: esses intelectuais das mais diversas áreas utilizaram-se de nomenclaturas diferentes para tratar de nossa época: alguns preferem a expressão “modernidade”, já outros “modernidade tardia”, outros se inclinam por “modernidade líquida”, outros ainda, classificam nossa época pelo signo de “pós-modernidade”. Nesse ínterim, utilizaremos-nos, aqui, das posições divergentes adotadas por Gianni Vattimo e Marshall Berman na composição de seus trabalhos sobre a contemporaneidade a fim de ilustrá-la e caracterizá-la para, então, problematizar o local de Nietzsche no contexto das ideias de nossa época.

Os dois trabalhos, de Vattimo e Berman, respectivamente: *Tudo que é sólido se desmancha no ar* (1982) e *O fim da modernidade* (1985), fazem, em suas introduções, o trabalho de compor a ligação entre nossa contemporaneidade – dita pós-moderna por Vattimo e ainda nomeada simplesmente de moderna por Berman – e o pensamento de Nietzsche. Algo interessante tem-se a dizer sobre os dois livros: nenhum deles têm por finalidade máxima abordar Nietzsche. O que os dois autores fazem e que, por isso mesmo, nos chamou atenção, foi o exercício de aproximação de Nietzsche a

outros dois pensadores, um anterior e outro posterior a ele. Em seu texto, num grande esforço de desconstrução da modernidade, Vattimo aproxima Nietzsche de Heidegger. O oposto, em termos de interpretações possíveis, faz Berman, preferindo a Heidegger aproximar o pensamento nietzschiano de seu anterior, Karl Marx. Abordaremos, aqui, primeiramente a perspectiva de Vattimo acerca da pós-modernidade e sua ligação com Nietzsche a partir de uma relação com o pensamento de Heidegger. Após isso, descreveremos a perspectiva de Berman a partir de sua aproximação com o pensamento de Karl Marx. Em seguida, faremos as ponderações necessárias a partir das considerações de Victor Gonçalves acerca das relações possíveis entre as ideias de Nietzsche e o contexto intelectual contemporâneo.

Primeiramente, é preciso ter em mente que Vattimo defende a expressão “pós-modernidade” porque, segundo ele, há, em nossa contemporaneidade, na esfera intelectual, uma crítica a todos os sistemas de pensamentos anteriores – tidos, então, como metafísicos – sem, no entanto, recorrer a uma superação de nenhum deles, através de uma reformulação de suas ideias ou da substituição de parte de suas ideias, como faz o cânone ocidental há milênios, desde Sócrates, Platão e Aristóteles, bases de nossa Filosofia. Segundo ele, a modernidade, hoje já extinta, foi concebida sobre o signo crescente do progresso e da ciência que se desenvolve

“[...] com base na apropriação e na reapropriação cada vez mais plena dos “fundamentos”, que frequentemente são pensados também como as “origens”, de modo que as revoluções e teóricas e práticas da história ocidental se apresentam e legitimam na maioria das vezes como “recuperações”, renascimentos, retornos. A noção de “superação”, que tanta importância tem em toda a filosofia moderna, concebe o curso do pensamento como um desenvolvimento progressivo, em que o novo se identifica com o valor através da mediação da recuperação e da apropriação do fundamento-origem. (VATTIMO, 2002, p. VI-VII)”

Dessa maneira, a história do pensamento ocidental seria uma sucessiva revisão de si mesma, em busca da correção de erros advindos durante a confecção do sistema do pensador anterior. Dessa maneira, Kant teria influenciado a Hegel, que, posteriormente, teria influenciado Feuerbach, que seria aquele que impulsionaria a filosofia de Karl Marx. Da mesma maneira, apenas seguindo outro fio da teia, após a leitura de Descartes, Hume teria sido o responsável pela revolução copernicana no pensamento de Kant, que teria, por sua vez, fornecido as bases para a edificação da filosofia de Schopenhauer. Seria, por conseguinte, função dos pensadores na linearidade ocidental, revisitarem os trabalhos uns dos outros, por vezes ligando uns a outros e afastando outros tantos de si, promovendo, enfim, classificações dentro da história da Filosofia, para que se chegasse, enfim, a uma verdade máxima, absoluta. Esse quadro teria continuado assim e chegado ao ápice em Hegel, até que, segundo Vattimo, Nietzsche e Heidegger empreendessem críticas a essa metafísica, tão elementar à realidade dos modernos oitocentistas. Segundo ele, o pensamento dos dois teria provocado, enfim, uma “dissolução do ser”, característica principal da pós-modernidade (VATTIMO, 2002, p. VIII). Nesse ínterim, a pós-modernidade teria como característica principal o seu caráter ahistórico ou, como também é chamado, pós-histórico, através da exclusão da possibilidade de produção de algum conhecimento novo, já que a história, assim como a tradição filosófica ocidental, seria, por conseguinte, apenas mais um entre os diversos gêneros literários. Assim, os problemas de caráter históricos e filosóficos já são tomados como impossíveis de se resolver; se pode aprofundar a discussão e os ilustrar, mas nunca se chegar a uma solução definitiva (VATTIMO, 2002, p. IX-XIX). Sendo assim, percebemos como, para Vattimo, Nietzsche se liga ao pós-modernismo através da relação apontada por ele quanto às complementaridades do pensamento nietzschiano e heideggeriano.

Há alguns pontos a serem considerados quanto à sua posição: Vattimo parece não considerar o que aqui chamaremos de volta de 360 graus do pensamento nietzschiano: não apenas está Nietzsche a desconstruir a moral vigente; grande parte do seu trabalho insiste em reconstruir uma nova moral, uma que seja transvalorativa em relação às anteriores e que se possa constituir enquanto afirmação da vida, e não como negação da mesma (JUNGES, 2016, p. 98-99). Se, por um lado, concordamos com o autor no sentido da classificação da intelectualidade e da experiência social contemporânea como pós-moderna, discordamos de que Nietzsche seja o fundador dela; antes o são aqueles que o interpretaram dessa maneira. Vattimo erra quando coloca o início da história do niilismo a partir da Morte de Deus no século XIX: ao contrário, o niilismo se manifesta, segundo o próprio Nietzsche, desde Sócrates e Platão; o que ocorre a partir da Morte de Deus é um deslocamento do niilismo: se antes ele se achava presente na esfera filosófica socrático-platônica e, posteriormente, sob a influência da Igreja Católica, na modernidade ele se tornará atributo dos cientistas e daqueles que acreditam na cegueira do progresso linear. Ao relacionar Nietzsche com Heidegger, Vattimo apenas continua a expor a incompletude das apropriações empreendidas pelos teóricos da pós-modernidade em relação a Nietzsche. Se nos lembrarmos das palavras de Deleuze, quando de sua sistematização dos três tipos de niilismo primários (1976, p. 71-2) e, depois, do discurso acerca do quarto, o niilismo ativo (1976, p. 83-5), perceberemos que os pós-modernos não fazem nada mais, além de esforçar-se a continuar a crítica genealógica já empreendida por Nietzsche, sem, contudo, avaliar, dentro de seu pensamento, as possibilidades de se forjar saídas ao niilismo e promover significações positivas em torno da existência, recaindo num niilismo passivo tipicamente schopenhauriano: o foco de Nietzsche encontra-se em desconstruir, um a um, os ídolos do Ocidente para, então, retomar a tradição vista por ele como afirmativa da vida: a pré-socrática.

Os pós-modernos que o utilizam como base para a justificação de suas ideias incorrem em erro: suas ideias já são ultrapassadas devido à revisão dos críticos cosmológicos e a compreensão sistemática – mesmo que fragmentada – dos escritos de Nietzsche: Heidegger e também Foucault são, se nos apropriarmos de uma terminologia de Hobsbawn ao falar de certa parte dos estudiosos marxistas (HOBSBAWN, 1998, p. 161), “nietzschianos vulgares”: veem a morte de Deus e a crítica genealógica como mote central do pensamento nietzschiano, desconsiderando, contudo, o sistema nietzschiano que se abre diante de nossos olhos, responsável não por apenas desconstruir, mas reconstruir uma nova sociedade, através da dimensão extemporânea do Eterno Retorno a partir da teoria das forças, baseada, por sua vez, na vontade de potência. Frederick Copleston parece ter entendido essa questão quando aborda o niilismo do homem moderno e o papel do Além do Homem frente a essa situação:

O homem moderno não tem qualquer alvo ou quaisquer alvos em mira, mas Nietzsche dá-lhe um ideal – O Super Homem. É o mesmo que tem de salvar a si mesmo por meio desta glorificação e enobrecimento da própria espécie [...]. (COPLESTON, 1979, p. 40)

“Nesse sentido, a crítica genealógica de Nietzsche não pode ser compreendida sem que se tenha em mente que ela é um meio para a edificação de novos valores em uma nova sociedade, e não um fim em si mesma. É nesse sentido que Nietzsche liga-se a Marx no texto de Berman.”

Marshall Berman começa sua obra, *Tudo que é sólido se desmancha no ar*, a partir de uma reflexão sobre a modernidade no que tange à identidade da época moderna e dos sujeitos modernos:

“Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor - mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo que sabemos, tudo o

que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo que é sólido se desmancha no ar”. (BERMAN, 1986, p. 15)

Para Berman, a experiência da desintegração identitária dos sujeitos começa, sobretudo, a partir da preponderância do poder e dos valores do capital em relação, por sua vez, aos da cultura: a passagem do campo à cidade, a mecanização do campo e a descartabilidade das relações de trabalho no meio industrial são em grande parte responsáveis por isso (BERMAN, 1986, p. 16). Nesse ínterim, o indivíduo passa a ser medido por seu valor de trabalho, e não por seu valor em relação à moralidade cultural estabelecida: aliás, cria-se uma cultura outra: a cultura do trabalho pelo trabalho, bem como da rentabilidade pela rentabilidade, sem fins últimos. Se economicamente essa é a mola propulsora do capitalismo, aquilo que permite seu equilíbrio, por outro, a nível humano – individual e coletivo -, gera-se o niilismo da modernidade, onde a expansão financeira e o progresso civilizatório são as figuras centrais. Em seu livro, que se objetiva a ser “um estudo sobre a dialética da modernização e do modernismo”, Berman divide a Idade Moderna em três fases: 1) do século XVI ao XVIII, a partir das navegações ultramarinas e a substituição, pouco a pouco, de um imaginário coletivista medieval por um outro, individualista, humanista, renascentista; 2) a partir de 1790 até o século XX, com a Revolução Francesa e a preponderância de uma mentalidade eminentemente moderna, mas que ainda se remete, por vezes, a estágios não modernos da civilização, dicotomia essa a responsável por promover o devir intelectual e social dos sujeitos a essa época; 3) a partir do século XX até a contemporaneidade, através da globalização do capitalismo e das experiências intelectuais da modernidade que, por sua vez,

começam a criar um clima, ademais a união possível através das telecomunicações, de fragmentação e conseqüente isolamento, gerando “uma multidão de fragmentos, que falam linguagens incomensuravelmente confidenciais”, assim, “Em conseqüência disso, encontramos hoje em meio a uma era moderna que perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade.” (BERMAN, 1986, p. 16). Olhando, então, inicialmente para o olhar sobre a modernidade em Rousseau, através de uma ilustração da problemática utilizando-se de Júlia, ou A Nova Heloísa (1761), Berman eleva seu olhar ao complexo e rico modernismo do século XIX a partir de um diálogo com suas vozes mais distintas, Marx e Nietzsche. Apesar dos dois apontarem direções completamente opostas em relação ao que se fazer quanto às questões da modernidade, a crítica que os dois tecem acerca de sua época partem de questões muito similares. Enquanto Marx, filósofo da práxis, ressalta a revolução dos trabalhadores no que tange a tomada dos meios de produção pelo proletariado como posição política transformadora de seu tempo, Nietzsche, por sua vez, emprega em seu texto um alerta contra as teorias sociais de seu século: nega e despreza o anarquismo e o socialismo, tomando-os como derivações de um platonismo antinatural, artificial, niilista e, enfim, uma criação do homem que degenera o potencial do próprio homem (NIETZSCHE, 2014, p. 82, § 34). No entanto, mesmo possuindo divisões óbvias no que tange às maneiras de modificar a estrutura social vigente, os dois autores concordam quanto às suas posições acerca do território germânico nos oitocentos. Para Berman, há dois pontos em que as opiniões dos dois filósofos convergem: 1) o desprezo à moral cristã e ao sistema de pensamento cristão; 2) a denúncia da falta de identidade do homem moderno, para o qual, ao vestir-se, todas as fantasias estão disponíveis, mas nenhuma realmente lhe serve. Há um outro, porém, e que cremos, aqui, ser o mais importante na relação empreendida entre Marx e Nietzsche: 3) a transformação social através de uma alteração da práxis

cotidiana. Se, de maneira geral, atribuímos essa atitude transformadora muito mais a Marx e seus seguidores que a Nietzsche, é por causa em parte dos já mencionados teóricos da pós-modernidade, dentre eles o próprio Vattimo. Contudo, esses escritores se esquecem do constante esforço nietzschiano em, através da morte de Deus, criar um novo homem, com uma nova moral e, também, um novo propósito. Se pensarmos dessa maneira, perceberemos, ademais as particularidades de cada um, a evidente ligação entre Marx e Nietzsche. Nas palavras de Marshall Berman:

“Notável e peculiar na voz que Marx e Nietzsche compartilhavam não é só o seu ritmo afogueado, sua vibrante energia, sua riqueza imaginativa, mas também sua rápida e brusca mudança de tom e inflexão, sua prontidão em voltar-se contra si mesma, questionar e negar tudo que foi dito, transformar a si mesma, questionar tudo o que foi dito, transformar a si mesma em um largo espectro de vozes harmônicas ou dissonantes e distender-se para além de sua capacidade na direção de um espectro sempre cada vez mais amplo, na tentativa de expressar e agarrar um mundo onde tudo que existe está impregnado de seu contrário, um mundo onde “tudo que é sólido se desmancha no ar”. Essa voz ressoa ao mesmo tempo como autodescoberta e autotripúdio, como auto-satisfação e auto-incerteza. É uma voz que conhece a dor e o terror, mas acredita na sua capacidade de ser bem sucedida.” (BERMAN, 1986, p. 21)

E depois completa:

“Se prestarmos atenção àquilo que escritores e pensadores do século XX afirmam sobre a modernidade e os compararmos àqueles de um século atrás, encontraremos um radical achatamento de perspectiva e uma diminuição do espectro imaginativo. Nossos pensadores do século XIX eram simultaneamente entusiastas e inimigos da vida moderna, lutando desesperados contra suas ambigüidades e contradições; sua auto-ironia e suas tensões íntimas constituíam as fontes primárias de seu poder criativo. Seus sucessores do século XX resvalaram para longe, na direção de rígidas polarizações e totalizações achatadas.” (BERMAN, 1986, p. 22-3).

Dessa forma, através do esforço argumentativo de Berman, levando em conta o pensamento e o contexto em que Nietzsche se desenvolve, podemos perceber como a argumentação do filósofo americano mostra-se mais eficiente que a de Vattimo, pois considera Nietzsche, em seu trato comentador, como algo além de um niilista do tipo schopenhauriano, algo que o próprio filósofo desprezava. Assim, argumentando sobre a relação Nietzsche-contemporaneidade nos colocamos mais próximos à interpretação de Berman que a de Vattimo. Continuando, a fim de compormos uma relação entre Nietzsche e a contemporaneidade mais efetivamente, façamos, agora, uma análise das ideias de Nietzsche vinculadas a nosso tempo, tomando-o per se, ou seja, não mais de forma secundária, aliando-o a outras perspectivas, mas, em contrário, permitindo-nos analisá-lo segundo suas próprias especificidades. Para tanto, nos atentemos aos comentários iniciais de Victor Gonçalves.

### **Victor Gonçalves e o *status* de Nietzsche na história da Filosofia**

Em seu ensaio, *Nietzsche: antimoderno, pós-moderno, moderno*, Victor Gonçalves, já de início, destaca a constante “tensão entre a conservação e as condições de possibilidade de inovação” no pensamento do oitocentista alemão (GONÇALVES, 2013, p. 30). É a partir dessa tensão entre o conservadorismo e a transformação, no pensamento de Nietzsche, que se baseia a pesquisa do autor português. É acentuado em seu texto, inicialmente, algo já muito comum entre aqueles que estudam o pensamento de Nietzsche: a presença de uma constante “crítica da atualidade”, a partir da qual o filósofo, por um lado é “hermeneuta do seu tempo”, mas também é propositor de “novas experiências de vida que rompam com o *status quo* dominante” (GONÇALVES, 2013, p. 30). Baseando-se nisso, Gonçalves passa a perceber no discurso de Nietzsche uma clara complementariedade argumentativa baseada numa relação entre a Antiguidade

greco-romana, o Renascimento e a época eminentemente moderna, culminando, dessa maneira, com uma bela síntese no que tange à referida disputa entre a inovação e a conservação:

“Ao longo de toda sua vida, Nietzsche, qual figura de Janus, alimentará o retorno à Grécia Antiga e ao Renascimento - a outra *época sagrada* - para a partir delas definir novas possibilidades de existência. O conservadorismo nietzschiano não se traduz num regresso sem volta ao passado, como o seu experimentalismo não é uma aposta cega na originalidade. Algo que pode ser resumido pela renovada poética do tempo inscrita na “doutrina do eterno retorno do mesmo”.” (GONÇALVES, 2013, p. 33).

Tomando esse posicionamento, é possível perceber como Nietzsche, enquanto pensador conservador, criticava sua época no sentido de modificar estruturas para, então, promover não um mero retorno, mas uma reformulação e aplicação dos ideais helênicos (antigos, sobretudo homéricos, mas jamais dos clássicos socráticos e platônicos) em sua modernidade. Nesse sentido, nosso filósofo ataca as “ilusões de liberdade, abundância e felicidade baseadas num pretense poder do racionalismo e na ideologia do progresso, vastamente subsidiária dele”, estando na base da “axiologia moderna” em “contradição estéril, o progresso e o pessimismo” (GONÇALVES, 2013, p. 33). De um lado há a tradição iluminista progressista no pensamento de Hegel através do desenvolvimento da humanidade rumo à consciência e à razão, tomando o mundo enquanto linearidade direcionada, ou melhor, enquanto liberdade através da consciência evidenciado na sua *Filosofia da História* (1837); do outro lado temos o pessimismo oitocentista protagonizado de forma mais eficiente por Arthur Schopenhauer em sua grande obra *O mundo como vontade e como representação* (1818)<sup>2</sup>. Dessa disputa, Nietzsche sai tomando posições originais.

---

<sup>2</sup>Hegel e Schopenhauer (1788-1860), mesmo que tão divergentes em suas filosofias específicas, descendem de um filósofo comum, Immanuel Kant. Suas divergências já começam na aplicação de conceitos relacionados às ideias kantianas sobre a coisa em-si.

Despreza ambas as posições tomando-as como anti-naturais. Assim, se, por um lado, há uma crítica à modernidade e aos valores do homem moderno, essa crítica não decai num pessimismo estéril, nem mesmo o contrário ocorre ao tomarmos a perspectiva linear de Hegel onde a dialética das teses e antíteses estaria *ad eternum* criando civilizações de progresso e liberdade através da razão. Assim, Gonçalves procura observar se, não concordando com o otimismo hegeliano nem com o pessimismo schopenhauriano, poderíamos o encaixar no devir das ideias pós-modernas, tomando-o como ponto de partida dessa corrente de pensamento fragmentária. Anteriormente, definimos o conceito de pós-modernidade na visão de Vattimo, que é caracterizado, principalmente, pela crítica hermenêutica aos sistemas de ideias sem a possibilidade, por conseguinte, de elevação de novos conceitos e morais. Agora, se formarmos um raciocínio através das ideias de Gonçalves, perceberemos que, embora Nietzsche empenhe-se numa atitude constantemente iconoclasta em relação aos ideais do seu tempo “Pondo em causa a solidez arquetípica da verdade científica, os benefícios da religião cristã, a evidência do sujeito cartesiano e do tempo linear”, através da crítica das noções de verdade, Deus, tempo e sujeito, nosso filósofo “ainda acredita na ordenação universal do homem e do mundo” (GONÇALVES, 2013, p. 36-7); seu pensamento possui, no viés teórico, uma abertura para a pós-modernidade através do olhar crítico hermenêutico ao decurso da história dos filósofos e dos homens, contudo, quando nos

---

Hegel usa o conceito de espírito e Schopenhauer o de vontade. Enquanto que para Hegel a abstração absoluta só fortalece o sentido da realidade, para Schopenhauer o conceito é sempre abstração da realidade – relacionada a ela sem nunca a ser por completo – provocada pela representação que a vontade coloca sobre a realidade. De formas divergentes também seguirão suas ideias acerca da história humana. Como nos lembra Hartman (2001, p. 16), para Hegel o devir histórico é linear, sempre progressivo no que tange ao direcionamento da consciência e, conseqüentemente, da liberdade através dela. Já na visão de Schopenhauer: “a determinação das ações humanas, de fato existente, não está ligada a uma história pregressa ou ao conhecimento que se tem dela, tampouco ao resultado de uma evolução da vida no tempo, mas à relação que se estabelece, no presente, entre os motivos e o caráter empírico dos homens.” (SANTOS, 2010, p. 142).

aproximamos dos aforismos e redações que convocam as sociedades à *práxis*, a situação muda: é nesse momento que Nietzsche, ao invés de simples destruidor polêmico, passa a ser o reconstrutor da filosofia contemporânea, quando nos é apontada a dimensão esteticista discursiva como substituta do arcaísmo linguístico moderno:

“A arte está [na obra de Nietzsche] enraizada na vida, já não é como em Schopenhauer uma suspensão do querer viver, um calmante, uma catarse, forma moderna de salvação religiosa, mas uma força anti-niilista que põe em obra a vida criadora e para além da dicotomia fenômeno/coisa-em-si.” (GONÇALVES, 2013, p. 40).

É a partir dessas concepções que podemos compreender o discurso nietzschiano em sua dimensão reformadora da realidade moderna através de uma restauração conservadora segundo os já apontados valores socioculturais helênicos homéricos semelhante a um “[...] um movimento de retorno da razão ao mito, de reencontro da filosofia com a mitologia e o mundo dos símbolos, pela mediação da arte e, em especial, da música, o substituto, para o homem moderno, dos mitos simbólicos do homem grego antigo [...]” (SANTOS, 1993, p. 100).

Machado e Barreiros (2020, p. 43) apontam que:

“Tudo isso [o conservadorismo de Nietzsche], enfim, liga-se, em Nietzsche, não a uma noção de governo totalitário, como queriam alegar os nazistas, mas, sim, a um governo aristocrático, conforme os moldes gregos antigos: nesse sentido, o que Nietzsche parece desejar é uma modernização dos modelos helênicos antiquíssimos. Olhando o cosmos como um todo fechado regido pelo Eterno-Retorno-do-Mesmo – ou seja, por um tempo cíclico, no qual cada instante é apenas a diferente aparência do mesmo instante anterior –, a vida humana enquanto essencialmente trágica, e os antigos enquanto portadores máximos dessa mesma sabedoria trágica, deveríamos, então, segundo Nietzsche, os contemplar, em seus valores, para então nos imaginar e nos construir enquanto sociedade moderna; ao invés de destruir

o que criamos em termos de identidade greco-romana, deveríamos ressignificá-la em nosso tempo.”

Inicialmente, Nietzsche foi utilizado por artistas, filósofos e outros intelectuais de forma incompleta: liam-se seus textos e chocava-se com a força de sua escrita, contudo, durante muito tempo, suas ideias não foram levadas a sério, e, quando o foram, acabaram por serem estudadas de forma incompleta, gerando uma crítica hermenêutica que não ofereceu as fundações necessárias a um estudo mais profundo de Nietzsche. Dessa maneira, a fim de se produzir uma história do nietzschianismo, ou melhor dizendo, das apropriações de Nietzsche através do tempo, se faz necessário, como foi feito aqui, partir de análises que conheçam o trabalho do autor, para, então, ir aos intérpretes, buscando analisar o contexto histórico específico a cada um deles.

### **Considerações Finais**

Durante este trabalho, buscamos compreender de que maneira os autores Marshall Berman e Gianni Vattimo se apropriaram da obra de Nietzsche em suas referidas obras.

Concluimos afirmando que em nenhuma de suas obras há, de fato, um trabalho apurado de análise histórico-filosófico em torno de Nietzsche, o que contribui para distorções de seu pensamento. Para buscar compreender tais distorções, historiciza-las, bem como afirmar de que maneira poderíamos, com melhor embasamento, ler Nietzsche, trouxemos o trabalho de Victor Gonçalves.

Considera-se que o objetivo pretendido a esta pesquisa foi alcançado. No futuro, esta pesquisa poderá se expandir buscando discutir o legado de Nietzsche através do nietzschianismo em outros autores.

## REFERÊNCIAS

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

COPELSTON, Frederick. **Nietzsche: Filósofo da cultura**. Porto: Livraria Tavares Martins, 1979.

GONÇALVES, V. **Nietzsche: antimoderno, pós-moderno, moderno**. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche, [S.I.], v. 6, n. 2, p. 29-47. 2013.

HOBSBAWN, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JUNGES, Márcia Rosane. **A transvaloração dos valores, em Nietzsche, e a profanação, em Agamben**. Cadernos De Ética E Filosofia Política, n. 1, v. 28, p. 97-108, [S.I.]. 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos: ou como se filosofa com o martelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

VATTIMO, Gianni. **O Fim da Modernidade: Nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

WOODWARD, Ashley. **Nietzschianismo**. Petrópolis: Vozes, 2016.